
Fogo no circo: livro-reportagem e memória⁸⁵

Circus on fire: reporting-book and memory

Bruna da Silva ARAÚJO⁸⁶
Soraya Venegas FERREIRA⁸⁷

RESUMO

Esta pesquisa busca entender o lugar do livro-reportagem enquanto narrativa capaz de atuar como guardião da memória individual e coletiva. Para isso, a obra estudada foi o livro *O espetáculo mais triste da Terra*, escrito pelo jornalista Mauro Ventura, em 2011, para contar sobre o incêndio do Gran Circo Norte-Americano, ocorrido em dezembro de 1961, em Niterói, no Rio de Janeiro. Importante ressaltar que essa é considerada até hoje a maior tragédia circense do mundo. Para as análises ora empreendidas, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica a fim de identificar as potencialidades do livro-reportagem, sua linguagem híbrida, interseccionada entre jornalismo e literatura, e suas possibilidades de apuração aprofundada, seleção e angulação prismática, em diálogo com o conceito de memória enquanto fenômeno construído tanto individual quanto coletivamente.

PALAVRAS-CHAVES: Memória; Jornalismo literário; Livro-reportagem; Mauro Ventura, *O espetáculo mais triste da Terra*.

ABSTRACT

This research seeks to understand the place of reporting-book as a narrative capable of acting as a guardian both of individual and collective memory. The book *O espetáculo mais triste da Terra (The saddest show on Earth)*, written by the journalist Mauro Ventura in 2011 was chosen as a matter of study. It tells about the great fire in Gran Circo Norte-Americano, which took place in December 1961, in Niterói, Rio de Janeiro. It is the greatest circus tragedy in the world until now. In order to carry out the analyzes, a bibliographic research was made in order to identify the potential of the reporting-book; its hybrid language, intersected between journalism and literature; its possibilities for in-depth investigation, selection and prismatic angulation; in dialogue with the concept of memory as a phenomenon constructed both individually and collectively.

⁸⁵ Síntese dos resultados da monografia “Jornalismo Literário e memória: uma análise do efeito do real utilizado no livro-reportagem ‘O espetáculo mais triste da Terra’” (2019), realizada como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharelado em Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá, sob a orientação da Profa. Dra. Soraya Venegas Ferreira..

⁸⁶ Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá de Niterói/RJ, e-mail: araujo-bruna@hotmail.com

⁸⁷ Orientadora do trabalho. Coordenadora e professora do curso de Jornalismo da Universidade Estácio de Sá de Niterói/RJ, e-mail: soraya.ferreira@estacio.br

KEYWORDS: Memory; Literary journalism; Reporting-book; Mauro Ventura; *O espetáculo mais triste da Terra* (without translation).

INTRODUÇÃO

O livro-reportagem pode ser considerado um produto jornalístico nascido da simbiose entre duas áreas que há tempos se aproximam em um jogo de mútua sedução: Jornalismo e Literatura. Devido às suas potencialidades de aprofundamento da apuração, multiplicidade de angulações e recursos narrativos, como descrições e diálogos, para obtenção de um efeito mais próximo da realidade, o livro-reportagem tende a ocupar um lugar de destaque enquanto guardião da memória. Esse trabalho busca analisar como o hibridismo presente neste formato, que mescla elementos jornalísticos e literários, oportuniza a fixação e a permanência de eventos na memória de uma cidade.

Partindo dos conceitos de memória, narrativa e suas potencialidades de construção de uma dada realidade, buscou-se, através de leitura atenta, analisar o livro-reportagem *O espetáculo mais triste da Terra*, do jornalista Mauro Ventura, que reconta, após 50 anos, o incêndio do Gran Circo Norte-Americano, ocorrido em dezembro de 1961, na cidade de Niterói, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O episódio ocasionou a morte de mais de 500 pessoas e, até hoje, é considerado o maior acidente circense do mundo, além de fazer parte da memória e identidade da cidade.

A pesquisa explicativa identifica e descreve a relação entre o livro-reportagem e a memória, sendo a obra estudada em uma perspectiva teórica que a apresenta como um fenômeno subjetivo, baseado em documentos, matérias jornalísticas e relatos, que na construção do livro foram permeados por processos de seleção e edição. Através da leitura, buscou-se identificar os elementos narrativos utilizados para reconstituir o evento e os recursos estilísticos empregados para a criação do efeito de real.

O texto de Ventura oportuniza tanto a visualização do acontecimento, quanto a preservação da memória. Para tal, o autor conta com relatos extraídos de memórias individuais, como testemunhos de sobreviventes, e da memória coletiva, como reportagens de jornais publicados na época do incêndio e documentos oficiais.

1. LIVRO-REPORTAGEM E O HIBRIDISMO NARRATIVO DO JORNALISMO LITERÁRIO

Segundo Felipe Pena (2006), o jornalismo atravessou diversas fases até encontrar sua atual configuração, notadamente na segunda metade do século XX e início do XXI. Antes disso, essa prática social nutriu-se principalmente da atividade intelectual dos escritores e existia uma linha tênue entre Jornalismo e Literatura. Em suas fases embrionárias, o jornalismo contou com a colaboração do *flâneur*⁸⁸, figura mítica descrita como o “espírito da cidade”, aquele que vagueia pelas ruas e observa o cotidiano da sociedade emergente, marcada pela modernidade, urbanização e ascensão burguesa.

A marcha inexorável do tempo não poupou o jornalismo. O impacto das guerras e das inovações tecnológicas o marcaram profundamente. A adoção de critérios como objetividade, agilidade e produção massificada visou, principalmente, normatizar e padronizar a atividade jornalística, atendendo aos novos interesses capitalistas. Esse engessamento, ocorrido em meados do século XX, encontrou logo resistência. Entre as manifestações contrárias ao modelo empresarial de jornalismo, representado pela meta de objetividade e pelo texto normatizado nos manuais de redação, que preconizavam o uso do *lead* e da pirâmide invertida, está o manifesto *New Journalism*, escrito pelo jornalista norte-americano Tom Wolfe, em 1973. Wolfe defendia o reconhecimento do Jornalismo Literário enquanto prática jornalística legítima e uma alternativa à superficialidade do jornalismo noticioso. Buscava ainda a valorização de propostas criativas para explorar novas possibilidades de contar histórias não ficcionais.

Entre essas diversas possibilidades de condensar em um único produto recursos jornalísticos e literários está o livro-reportagem. Segundo Pena (2006), ele é o maior símbolo de associação dos recursos das duas áreas para a construção de uma narrativa híbrida, que oferece mais profundidade na apuração e seleção do que será oferecido ao leitor, que, além de se sentir mais atraído, tenderá a fixar mais uma história contada construída com recursos literários, com o uso de discursos diretos e figuras de linguagem:

⁸⁸ Palavra de origem francesa criada pelo escritor Charles Baudelaire (1821-1867) que significa “andarilho”, mas não no sentido estrito da tradução. O *flâneur* é aquele que caminha pela cidade, não só materialmente, mas também sentindo e refletindo sobre a urbanidade e as relações humanas.

O romance de não-ficção, como também pode ser conhecido o livro-reportagem, oferece novas interpretações e versões do mesmo fato, obscurecidas ou sufocadas pela prática jornalística cotidiana. O alinhamento entre jornalismo e literatura favorece a permanência dos eventos nas memórias individuais e coletivas: O objetivo aqui é a permanência. Um livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Por isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações articuladas em teias e complexidade e indeterminação (PENA, 2006, p. 15).

Ainda segundo o autor, o livro-reportagem é um cruzamento entre a narrativa jornalística e a literária, que, apesar dos recursos estilísticos ficcionais, se atém à realidade. O uso de características literárias, como uma narrativa mais poética e subjetiva, confere ao romance-reportagem mais aprofundamento e amplitude, fuga do óbvio e maior liberdade de desenvolvimento a partir de criações cena a cena, descrições e construção de personagens fora do padrão jornalístico cotidiano. Esses recursos possibilitam a exploração prismática da história, ou seja, a partir de diversas versões e olhares, sem abrir mão do compromisso com a não-ficção, o livro-reportagem pode ser considerado não apenas um produto jornalístico, mas um prolongamento dessa prática social.

Existe um relativo consenso sobre exemplos notáveis e demarcadores desse estilo híbrido de fazer jornalismo. No entanto, segundo alguns autores, como Mônica Martinez (2009), o Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário não deve ser visto como um movimento ou mais um gênero, e sim como uma característica intrínseca à própria prática jornalística:

Como toda boa narrativa, o Jornalismo Literário presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo. Não seria incorreto, sob este ponto de vista, dizer que seus primórdios remontam à aurora da civilização. Tempo em que o ser humano se deu conta de que era finito e que, para lidar com o irremediável fato de sua mortalidade, começou a se questionar, pensar, simbolizar e, sobretudo, comunicar suas inquietações e descobertas sobre essas questões que continuam nos intrigando até hoje, como a origem da vida, de onde viemos, para onde vamos, quem somos (MARTINEZ, 2009, p. 71).

Para a autora, as características narrativas do Jornalismo Literário têm como ponto de partida o reconhecimento da efemeridade da vida humana e da busca pela perpetuação da existência. Tal estilo de reconstruir o mundo viria ao encontro do amor pelo conhecimento e por contar histórias, inserindo-as no espaço tempo de forma duradoura e acessível. Já Edvaldo Pereira Lima (1993)⁸⁹ descreve o livro-reportagem como um objeto peculiar com grandes potencialidades, como a fuga das limitações do jornalismo tradicional, a possibilidade de se debruçar no passado, lançando efeitos e reflexões no presente e a oportunidade de uma leitura mais ampliada e dinâmica.

Para ele, o que torna o Jornalismo Literário especialmente fascinante é, não só reunir características jornalísticas e literárias, mas funcionar como um catalisador e amplificador das possibilidades de ambas as áreas. O processo de seleção e angulação do romance de não-ficção permite que o autor construa versões de eventos e histórias a partir de critérios subjetivos que atendam aos seus próprios interesses de estilo e de público, agindo diretamente no processo de construção da memória coletiva e individual de episódios reais. Com isso, torna-se um suporte físico de acesso a versões do passado.

2. LIVRO-REPORTAGEM E MEMÓRIA: UMA CONSTRUÇÃO ENTRE O PASSADO E A ETERNIDADE

Segundo Pierre Nora (1993), a memória é um instrumento para a preservação da experiência humana no mundo. Ou seja, um estoque material e imaterial de repertórios que não devem ser esquecidos e que, inserida no tempo, torna-se símbolo daquilo que os seres humanos podem ter necessidade de lembrar. Para o pesquisador, a memória é ainda uma herança que sobrevive à efemeridade do tempo e persiste na história. É um local de conflito, de busca por identidade e superação da morte. É uma representação daquilo que não é mais, de um passado que precisa ser apropriado para que se encontre pertencimento.

Para Maurice Halbwachs (1990), outro autor de referência no assunto, a memória não é uma ferramenta inata. Como construção, não pode ser evocada no vazio, sendo

⁸⁹ Optou-se por utilizar referências mais antigas como Lima (93), um dos marcos do estudo do Jornalismo Literário, e Pena (2006) em razão da relevância dos estudos dos autores no tema.

constantemente ativada por referências e relações sociais. O autor acredita que a memória é uma reconstituição do passado, a soma de um conjunto de lembranças que compõe um quadro completo reconhecível e em constante diálogo com o presente. Assim, a memória não é absoluta e única, mas se expressa através do conflito entre o passado e o presente, tendo em vista elementos externos que façam o papel de evocação.

Michael Pollak (1992) propõe que, assim como uma narrativa, a memória é formada por personagens, enredos, lugares e até mesmo projeções. Essa tessitura de lembranças é criada a partir de um mecanismo de seleção. O pesquisador assevera que “nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 4). Afirmar ainda que outra variável a ser considerada é o fato de a memória não ocorrer apenas em uma escala individual e pessoal: “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são em função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa” (POLLAK, 1992, p. 4), sendo, portanto, um fenômeno construído e componente intrínseco à formação da identidade.

Halbwachs (1990) avalia também que a memória não nasce só do conflito entre lembrança e esquecimento, luz e treva, mas também da dialética individualidade e coletividade. O sociólogo pontua que a memória precisa de elementos individuais para se reconstruir, mas sua plenitude só pode ser compreendida em uma esfera coletiva. Esse pensamento se ampara a partir da premissa que “nunca estamos sós”, que todo ser humano, enquanto ser social, vive em constantes trocas com seus iguais. Enquanto a experiência se dá de forma individual, a memória só poderia ser produzida coletivamente, a partir de heranças e interações.

O romance-reportagem representa o que o sociólogo Pierre Nora (1993) classifica como “lugar de memória”, um espaço no mundo físico que materializa o passado, um repositório no qual a memória pode ser acessada, preservada e ressignificada. A memória não é um conceito absoluto, único e acabado, é um fenômeno construído, sujeito a reinterpretações e em dimensões individuais e coletivas, não necessariamente simultâneas. Assim como a atividade jornalística, a memória atende a critérios de seleção, edição e até mesmo angulações. O lugar de memória é aquilo que precisa ser materializado para que não seja esquecido. O autor considera um símbolo daquilo que os seres humanos podem ter necessidade de lembrar.

Enquanto “lugar de memória”, o livro-reportagem se configura como um objeto de evocação e reconstituição do passado, mas é também uma versão construída pelo autor. O lugar do romance de não-ficção, enquanto construtor e seletor da memória, também é amparado pela análise de Lima (2009), que salienta que a liberdade de angulação dos livros-reportagem possibilita selecionar quais informações serão trabalhadas, o que será evidenciado e o que será obscurecido. Luz e trevas. A seleção pode atender tanto a requisitos mercadológicos quanto aos interesses do próprio autor. Assim, para recontar o passado, é preciso estar sujeito à subjetividade de quem relata e edita a história.

Ao operar esse papel de seleção, a professora Marialva Barbosa (1995) afirma que o jornalista assume o papel de “senhor da memória” enquanto o produto jornalístico ocupa o lugar de “guardião” e de ponte entre o passado e o presente. O jornalista, ao produzir um livro-reportagem, deliberadamente decide aquilo que será lembrado e oficializado e o que será relegado ao esquecimento. “Ao selecionar temas que devem ser lembrados e ao esquecer outros, produzem, a partir de critérios subjetivos, uma espécie de classificação do mundo para o leitor”. (BARBOSA, 1995, p. 1-2).

Esse é o movimento empreendido pelo jornalista Mauro Ventura em seu livro-reportagem *O espetáculo mais triste da Terra*, no qual o autor ambiciona reconstruir a tarde do dia 17 de dezembro de 1961, quando o Gran Circo Norte-Americano, um dos principais circos da América Latina, foi vítima de um incêndio de grandes proporções que a causou a morte de mais de 500 pessoas em Niterói, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

3. O RELATO DA TRAGÉDIA A PARTIR DAS CINZAS DA MEMÓRIA

O espetáculo mais triste da Terra é o primeiro livro de não-ficção do escritor e foi publicado em 2011, 50 anos após a tragédia, que completa 60 anos em 2021. Ventura (2011) realizou uma extensa pesquisa por cerca de dois anos e meio conversando com testemunhas, sobreviventes e analisando arquivos de jornais que publicaram matérias sobre o incêndio. Aproximadamente 150 pessoas foram entrevistadas. O autor esbarrou na falta de laudos, documentos periciais e fontes públicas oficiais e lidou com conflitos de versões e a dimensão da participação de personagens.

O resultado da pesquisa de Ventura (2011) é uma obra de 320 páginas dividida em 32 capítulos, que conta também com um suplemento fotográfico, introdução, posfácio, notas, agradecimentos, bibliografia e créditos. *O espetáculo mais triste da Terra* é catalogado como reportagem e jornalismo investigativo. Em 2012, a publicação conquistou o terceiro lugar do prêmio Jabuti na categoria Reportagem. Segundo o autor, a obra tem como compromisso manter o caráter jornalístico de humanização da narrativa e de denúncia social, mas busca principalmente, homenagear as vítimas (TRAILER..., 2011).

O livro de Ventura (2011) revisita o histórico do circo desde a sua origem até a turnê que o levaria a Niterói há mais de meio século. O autor utilizou como instrumento de condução os relatos de testemunhas e sobreviventes, além de abordar a contribuição de figuras públicas que tiveram atuação de destaque ou se tornaram conhecidas com a tragédia, como José Datrino, o Profeta Gentileza. O jornalista também contextualiza o cenário político e econômico do país e da cidade e analisa a cobertura jornalística do incêndio, a investigação do caso e os possíveis responsáveis apontados na época.

Para reconstruir a memória da tragédia, o autor utilizou recursos descritivos e narrativos para trazer cena a cena a história dos sobreviventes. Para dar veracidade aos fatos, ele situa o leitor através de datas e dos eventos oficiais e revive as diversas versões utilizando recursos literários, como o uso de descrições, diálogos em discurso direto e a presença constante de um narrador onisciente, contando histórias reais, mas com um aspecto subjetivo, ficcional, transcendendo a frieza do jornalismo convencional. Os capítulos formam uma colcha de retalhos de testemunhos que fornecem uma sensação de simultaneidade e de realidade.

Como a maioria dos espectadores, fez menção de correr em direção à porta principal. Mas precisava primeiro ultrapassar a cerca de madeira que separava as cadeiras das arquibancadas. Não chegou a cruzar o obstáculo. Ela e Wilson embolaram-se na multidão e presenciaram, imobilizados, a queda de um dos mastros de sustentação. Agarrado à filha, que levava por causa da girafa Regina, ele ainda teve tempo de berrar: ‘Lenir, meu amor!’ Um grito que ela guarda por meio século (VENTURA, 2011, p. 252).

O livro atua na construção das memórias coletivas e individuais ao utilizar efeitos de real para criar visualizações de cenas e assim poder fomentar imagens, sentimentos e dores nos

leitores através da narrativa. *O espetáculo mais triste da Terra* é um lugar de memória do incêndio do Gran Circo Norte-Americano e, assim como qualquer produto jornalístico, foi submetido a critérios de seleção e aos interesses do autor e, possivelmente, também do editor. Uma das estratégias escolhidas por Ventura foi a utilização de diálogos como recurso para reconstituição dos episódios:

À meia-noite, ela e o filho foram encaminhados ao Antônio Pedro, já reaberto. No hospital de Niterói, Lenir foi alojada num leito com Roberto a seu lado. Ele não parava de chorar e de falar ‘mãezinha’, até que finalmente se acalmou. Parecia ter dormido. Ela relaxou e cochilou. Acordou com uma enfermeira lhe dizendo:

-Vamos levar seu filhinho para a seção infantil, porque ele não pode mais ficar misturado com adultos e aqui ele não tem nem onde se deitar direito.

Ela não estranhou. Voltou a adormecer, sem desconfiar que aquela tinha sido a última vez que ia ouvir a voz do filho (VENTURA, 2011, p. 154).

Apesar do apelo literário, o livro de Mauro Ventura é uma grande reportagem que reúne apuração continuada e aprofundada, que aborda diversas versões e pontos de vista. O conceito de memória está intrinsecamente associado à narrativa como um todo e é construído capítulo a capítulo, personagem a personagem, tendo como aporte a linguagem híbrida do jornalismo literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise atenta de *O espetáculo mais triste da Terra* confirma que a obra é composta por uma narrativa multifacetada, um grande plano composto de fragmentos que se unem para evocar a dimensão do incêndio do Gran Circo Norte-Americano e reconstruir a história, enfatizando os impactos individuais e coletivos da tragédia na memória da sociedade, em especial, a niteroiense. A pesquisa, página a página, possibilitou a verificação de como a narrativa híbrida do livro-reportagem oferece um leque de possibilidades para a reconstituição de eventos históricos e como atua simultaneamente para a preservação da memória, tendo em vista que, assim como a prática jornalística, esse conceito é forjado e editado.

Ventura (2011) reconta o incêndio priorizando estratégias e testemunhos que incentivam a empatia e a identificação: famílias destruídas, pais que perderam filhos, filhos que nunca mais reencontraram seus pais, pessoas gravemente feridas e com sequelas permanentes, evocando o passado e o rerepresentando, conforme sua própria edição e seleção, às gerações presentes e futuras. *O espetáculo mais triste da Terra* é a herança de uma tragédia que pode ser acessada, lembrada e reinterpretada. Com isso, o autor reinsere uma nova página na história da cidade e do país sobre o incêndio, de acordo com a sua perspectiva sobre os fatos apurados em profundidade.

Aliando a narrativa jornalística aos recursos literários, cria um lugar de memória de caráter histórico, social e informativo, além de ser um expoente da possibilidade de alternativas mais humanas para a cobertura de tragédias e de um fazer jornalístico mais aprofundado, criativo e envolvente. A memória, enquanto evocação do passado, apresenta posição de destaque ao ser trazida à luz a partir de entrevistas e relatos, que são editados, alinhavados pelo autor e reconstituídos cena a cena, como se os episódios ganhassem vida e se desenrolassem diante dos olhos dos leitores.

Mesmo que a edição reforce o efeito de real, oferecendo um suplemento fotográfico, e a apuração baseie-se também em relatos testemunhais, é preciso pontuar que a narrativa de Ventura (2011) reforça e evidencia que a memória é um fenômeno construído à medida em que atende a critérios de seleção, edição e interesses daqueles que a manejam. Um lugar de memória não é um lugar cristalizado, mas de eterna ressignificação e disputa entre o que é preservado e o que é relegado ao silêncio e ao esquecimento. Contudo, a concretude do livro-reportagem enquanto objeto de memória reforça sua versão enquanto a que tem mais chances de ser retida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, B. S. **Jornalismo Literário e memória:** uma análise do efeito do real utilizado no livro-reportagem ‘O espetáculo mais triste da Terra’. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Estácio de Sá, Niterói, 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Livro-reportagem.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura. 4 ed, São Paulo: Manole, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VENTURA, Mauro. **O espetáculo mais triste da Terra: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARIALVA, Barbosa. Jornalistas, “senhores da memória?”. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 1995, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: Intercom, 1995.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo. **Projeto História**, Porto Alegre, v. 10, p. 07-28, jul./dez., 1993.

TRAILER: "O espetáculo mais triste da Terra" (Mauro Ventura), 05 dez. 2011. 1 vídeo (3min). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ET32XyKfyI>. Acesso: 04 out. 2019.